

FESTA DA LIBERDADE – UM LUGAR DE LAZER NA CIDADE DE PARANAIGUARA (GOIÁS)

Anna Paula Miranda Barcelos

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Quirinópolis.
annap18@hotmail.com

Kéllita Kristine Pereira Lemes

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Quirinópolis.
kellitakristine@hotmail.com

Jean Carlos Vieira Santos

Doutor pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU), com estágio CAPES-PDEE pela Universidade do Algarve (Portugal). Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Goiás – Campus Quirinópolis (UEG).
svcjean@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar e compreender a Festa da Liberdade nas linguagens da Geografia, estudando o espaço e suas relações, ou seja, decifrando as (re)significações que a festa adquire no contexto atual, em um entrecruzamento de diferentes temporalidades e espacialidades. Buscando entender quais os seus novos usos e apropriações e as novas representações que surgem e/ou se redefinem dentro de um processo complexo em que a Festa da Liberdade tende cada vez mais ao espetáculo, mas que permanece atraindo os cidadãos de Paranaiguara (GO) e de outras regiões e localidades próximas. Diante disso, a abordagem a que se propõe este artigo, no contexto espaço-tempo, só é possível por meio das relações entre os sujeitos presentes no lugar, em que a partir das transformações sociais a festa se adapta. Sagrado e profano, fluxos e fixos, tradição e modernidade, trabalho e lazer, são elementos que juntos compõem o lugar da Festa da Liberdade. Desse modo, os caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento do trabalho consistiram nas seguintes etapas. Na primeira realizamos uma revisão bibliográfica sobre festa para conhecer suas partes conceituais, destacando os autores: Marques (2011), Mota e Almeida (2010), Bourdin (2001), Pereira (2005), Della Mônica (1999), entre outros. Na segunda etapa, após o levantamento da bibliografia, passamos para contexto histórico da Festa da Liberdade. A terceira etapa consistiu na realização do trabalho de campo, momento que propiciou a aplicação de cinquenta questionários durante os dias de festejo no ano de 2010.

Palavras-chave: Sujeitos da Festa. Pertencimentos. Perfil dos Visitantes. Arranjos da Festa.

THE FREEDOM FEAST- A PLACE OF LEISURE IN THE CITY PARANAIGUARA (GOIÁS)

ABSTRACT: This article aims to analyze and understand the Festival of Freedom in the language of Geography, studying space and its relations, that is, deciphering the (change in) meanings that the festival gains in the current context, in a crossroads of different temporality and spatiality. Searching to understand what are its new uses and appropriations and the new representations that arise and/or redefine themselves within a complex process in which the Festival of Freedom increasingly tends to show, but still attracts citizens of Paranaiguara (GO), other regions and neighboring localities. Therefore, the approach which this article proposes, in the space-time context, is only possible by means of the relations between the subjects present in the place where starting from social change, the festival adapts itself. Sacred and profane, flows and stops, tradition and modernity, work and leisure, are elements that together compose the site of the Festival of Freedom. Thus, the methodological approaches adopted for the development of the study consisted of the following steps. In the first we performed a literature review about the festival to know its conceptual elements, with emphasis on the authors Marques (2011), Almeida and Mota (2010), Bourdin (2001), Pereira (2005), Della Monica (1999), among others. In the second step, after the literature survey, we moved on to the historical context of the Festival of Freedom. The third step consisted of carrying out fieldwork, a time which allowed for fifty questionnaires to be filled in during the days of the 2010 celebration.

Keywords: Subjects of the festival. Belongings. Visitor Profile. Arrangements of the festival.

1. INTRODUÇÃO

As diversas festas encontradas pelo interior do Brasil como uma prática social e cultural têm sua gênese nas relações comunitárias, em que as pessoas do lugar envolvidas encontram as condições favoráveis ao desenvolvimento de momentos de lazer e atividades humanas culturais. Mostrando neste contexto que a “cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte (CLAVAL, 1999, p.63)”.

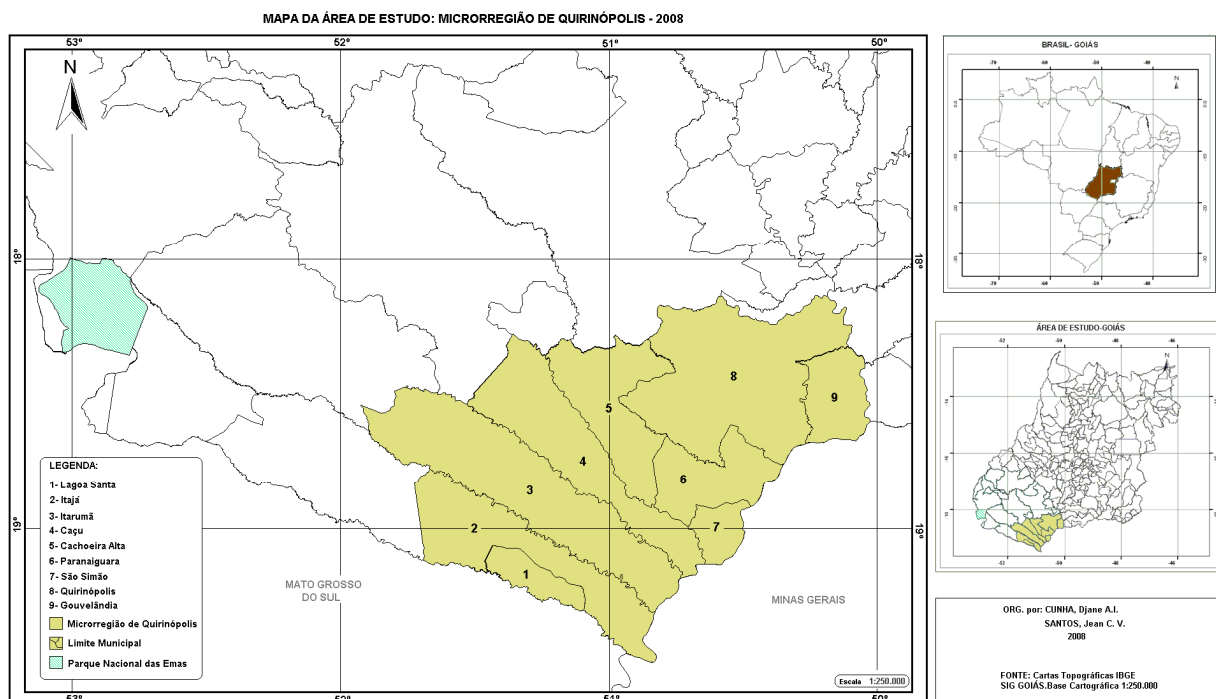
Os arranjos e a capacidade de envolvimento das pessoas são fundamentais para a realização desses festejos, onde as simbologias desenvolvidas e o sentido comunitário nos esforços para o preparo de festas são traços de sociabilidade e reciprocidade entre os membros de uma comunidade. Nesta perspectiva, este artigo tem como objetivo central analisar e compreender a Festa da Liberdade nas linguagens da Geografia, estudando o espaço e suas

relações, buscando decifrar as (re)significações que a festa adquire no contexto atual, em um entrecruzamento de diferentes temporalidades e espacialidades.

Segundo Marques (2011), a compreensão do tempo-espaço refere-se à mobilidade e à comunicação através do espaço. Diante disso, a abordagem da Festa da Liberdade a que se propõe, no contexto espaço-tempo, só é possível por meio das relações entre os sujeitos presentes no lugar, em que a partir das transformações sociais a festa se adapta. Sendo assim, para Marques (2011, p.18), a “paisagem é testemunha das modificações históricas que deram movimento e permitiram a continuidade da manifestação”. Proporcionando entender quais seus novos usos e apropriações e as novas representações que surgem e/ou se redefinem dentro de um processo complexo em que a festa tende cada vez mais ao espetáculo, mas que permanece atraindo os cidadãos do lugar e de outras regiões e localidades próximas. Assim, procuraremos mostrar como os indivíduos do lugar incorporam os festejos e seus visitantes, qual a importância da festa para as pessoas e o que ainda permanece de suas tradições. É possível afirmar, neste contexto, que a geografia está em todas as relações, se ocupando do espaço e perpassando pelo tempo, pelas densidades sociais e técnicas. Nessa vertente a festa se socializa no lugar:

[...] onde acontecem as relações, onde ocorrem as apropriações emocionais, físicas, simbólicas que permitem a formação da identidade. O lugar da festa pressupõe identificação/pertencimento com a área em essa manifestação é vivida, independente da extensão territorial ou domínio legal (MARQUES, 2011, p.18).

Sagrado e profano, fluxos e fixos, tradição e modernidade, trabalho e lazer, são elementos que juntos compõem o lugar da Festa da Liberdade no município de Paranaiguara, em Goiás (Mapa 01/Município de número 06). Desse modo, os caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento do trabalho consistiram nas seguintes etapas. Na primeira, realizamos uma revisão bibliográfica sobre festa para conhecer suas partes conceituais. Na segunda etapa, após o levantamento da bibliografia, passamos para contexto histórico da Festa da Liberdade, e na terceira etapa realizamos o trabalho de campo, momento que propiciou a aplicação de cinquenta questionários durante os dias de festejo no ano de 2010.



Mapa 01: Mapa Microrregião de Quirinópolis – 2008.

Fonte: SANTOS, 2010.

Santos (1999, p.120) diz que a importância do empírico é promover contato, ou seja, é a análise voltada para as tendências de interpretações que os pesquisados promovem do mundo, num movimento dinâmico orientado pelas determinações sociais do seu lugar, atividade essa fundamental na construção do presente trabalho.

Nessa perspectiva, torna-se necessário estabelecer o recorte espacial desta pesquisa, que neste caso foi definido como o espaço urbano de Paranaiguara. Esse município tem sua trajetória histórica iniciada no ano de 1933, quando se construiu uma ponte no Rio Paranaíba, ligando as regiões do Triângulo Mineiro e Sudoeste Goiano. Em 1941, descobriu-se diamante no Ribeirão Mateira, fazendo surgir um pequeno povoado no local, com o nome de Mateira.

Em consequência dessas mudanças na paisagem e chegada de novos habitantes, em 21 de janeiro de 1950, Mateira foi elevada a Distrito de Quirinópolis. Passando a se chamar “Presidente Dutra”. Pela Lei Estadual n. 743, de 23 de junho de 1953, foi elevado a município, restabelecendo-se o antigo topônimo de Mateira e constituindo-se Termo da Comarca de Quirinópolis. Em 1975, com a construção da hidroelétrica de São Simão, a 3 km de Paranaiguara,

as águas represadas causaram inundações na sede do município, com isso uma nova cidade planejada foi construída pela Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG). A instalação da nova sede se deu no dia 30 de outubro de 1976.

A cidade de Paranaiguara está localizada na microrregião de Quirinópolis, no interior de Goiás, com uma área total de 1.151 Km², fazendo limites ao norte com Quirinópolis, a oeste com Cachoeira Alta, ao sul com Caçu e a leste com São Simão e Santa Vitória, em Minas Gerais. A seguir será apresentada a abordagem teórica central deste trabalho.

2. CONCEITOS DE FESTA

Embora haja uma grande variedade de estudos sobre festas, ou seja, um viés extremamente amplo, optou-se neste momento da pesquisa pelos conceitos que trazem o entendimento das inter-relações, tendo em vista que na Festa da Liberdade de Paranaiguara os elementos culturais estão presentes no meio social. Inicialmente, as palavras de Mota e Almeida (2010) mostram que o estudo das festas:

[...] constitui-se em ações investigativas, que faz emergir a importância destas, como parte e da herança cultural de um povo. Destaca-se, então, a necessidade de valorização da cultura local da cidade [...], e um olhar mais atento para o patrimônio cultural imaterial que se perde lentamente (MOTA; ALMEIDA, 2010, p.16).

Desse modo, Mota e Almeida (2010) destacam, ainda, que a ciência geográfica, que se interessa pelas relações sociais e de produção do espaço, encontra nas “festas” um fértil campo para o estudo das relações do espaço e suas territorialidades, da questão do patrimônio e da construção das identidades locais. Nesse contexto, Santos, Garcia e Santos (2009, p.185) destacam que os patrimônios imateriais, isto é, as festas, “são ativos importantes para o posicionamento de qualquer paisagem, pois são elementos com grande potencialidade de uso-fruto”. A festa designa a criação de:

Comportamentos, de consciência, de tempos para realizá-la não como momento desprovido de sentido, mas marcado por objetividade, estratégias e sabedorias. A festa também representa a produção de humanidades e, de outra parte, o estabelecimento de relações que permitam a produção material e sobrenatural das condições de produção da comunidade. Com ela ou por meio dela, pode-se também observar esse homem que se constitui de relações sociais [...] (SANTOS, 2007, p.222).

Para Bourdin (2001) e PEREIRA (2005), os momentos festivos reúnem pessoas e, por isso mesmo, produzem energia, identificação, um sentimento de pertencimento mais forte. A encenação que ele organiza, numa relação cada vez mais elaborada com o lugar, é necessária para que os efeitos de reunião possam atingir todo o poder que eles visam. Por isso, há que se considerar as manifestações festivas como expressões rituais mais ou menos coercitivas que mantêm e reproduzem as estruturas sociais de que emanam.

A relação entre festa e cotidiano urbano é registrada por Bezerra (2007), destacando que esses festejos têm intensificado na contemporaneidade, na qual é possível perceber o processo de (re)invenção pelo qual a festa vem passando, ou seja:

Esse processo pode ser verificado em algumas cidades brasileiras, onde as festas vêm sendo apropriadas como uma das formas de “renovação” da própria cidade. Na medida em que tentar recriar a cidade, a festa é (re)inventada, transformando-se muitas vezes em grandes espetáculos (BEZERRA, 2007, p.177).

Compreender essa discussão é uma das formas de aproximar o “estudo de caso deste artigo” que hoje se instala na cidade de Paranaiguara (Foto 01) ao debate da Geografia, pois a festa se dá a partir da mobilidade e da “circularidade” no tempo e espaço. Partindo desse contexto, é possível afirmar que partes das cidades vêm passando por um processo de (re)organização e muitos desses espaços têm sido utilizados pelas festas. Eles se revestem a cada evento e por meio dos diversos cenários assumem o papel de território em movimento, sintetizando uma imagem que agrega valores e dá uma identidade a cidade (BEZERRA, 2007, p.185).



Foto 01. Barracas com comércio de produtos diversos na Festa da Liberdade, não existe uma produção específica que simbolize o festejo para comercializar aos visitantes que desejam levar alguma recordação do evento.

Fonte: Santos, 2010.

De acordo com Santos (2007) é no momento da festa que o comunitário se restabelece, que é possível estabelecer e aprofundar relações com os outros de fora e aqueles que um dia foram de dentro. Apesar da Festa da Liberdade (Foto 02) não ser um momento religioso, em grande parte do Estado de Goiás, as festas religiosas ganham destaque e Berger (1997) traz algumas palavras para definir esses festejos. Segundo ele, durante a festa religiosa, tanto no âmbito do sagrado quanto do profano, diversas coisas se conciliam. Nesse momento, celebra-se a vida, rompe-se com o ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. O tempo do relógio é suspenso por alguns instantes e o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos.

A festa religiosa, como uma prática social e cultural é uma dessas criações que são construídas a partir de uma consciência mística, onde os homens encontram as condições de se constituir como ser social, de enfrentar suas dificuldades cotidianas e de reproduzir suas humanidades. Os arranjos e a capacidade de envolvimento das pessoas são fundamentais para a

realização dos rituais religiosos e dos festejos. As simbologias desenvolvidas e o sentido comunitário nos esforços para o preparo da festa são traços de sociabilidade e reciprocidade entre os membros de uma comunidade. Entre as festas religioso-populares que ocorrem no Brasil. Della Mônica (1999) destaca:

Corpus Christi: ainda hoje das janelas e balcões das casas pendem toalhas lindamente ornamentadas, bordadas (como acontece em Minas Gerais) e as ruas são enfeitadas com flores naturais e outros materiais (como tapete). [...] Círio de Nazaré: Ocorre no mês de outubro, em Belém do Pará. A procissão conta com a presença de fiéis, não importando a classe social. Promessas, novenas, trezenas. A imagem de Nossa Senhora de Nazaré sai da Igreja, transportada em andor especial pelas principais ruas da cidade, com o povo disputando lugares mais próximos à imagem, cumprindo promessas ao segurar a corda que separa aquele andor do público (DELLA MÔNICA, 1999, p.35).



Foto 02: Espaço de Embarque e Desembarque da Rodoviária de Paranaiguara ocupado pelos visitantes durante a Festa da Liberdade no ano de 2010.

Fonte: Santos, 2010.

Entre as várias manifestações culturais existentes em Goiás, as maiores estão ligadas à religião ¹católica, como a festa do Divino Pai Eterno, em ²Trindade, e a Procissão do Fogaréu, na

¹ Segundo Lemos, o catolicismo popular em plena modernidade, é então percebido pela crença, quando o fiel devoto, aquele mesmo que tem a mídia colocando-o em contato com o mundo da tecnologia, ajoelha-se diante da Divindade, do Divino Pai Eterno e a louva, bendiz, agradece e suplica (2007, p. 40).

Cidade de Goiás. É por meio dessas exaltações coletivas que a sociedade gera imagens e situações onde ela se cria e se repõe. Na festa, a sociedade pode tomar consciência de si mesmo (LEMOS, 2007, p. 63). Não esgotando as festas do Estado de Goiás, ainda nesta unidade do trabalho é possível destacar outras, como as Romarias de Muquém, Abadiânia e a festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (DELLA MÔNICA, 1999, p.89).

De acordo com Santos (2010), na microrregião quirinopolina, as festas regionais que ocorrem são responsáveis pelas conectividades entre as prefeituras municipais, profissionais liberais, artesãos, organizações sociais das comunidades locais, Sindicatos Rurais, empreendedores e empresários do mercado turístico. São nesses festejos que atores e sujeitos sociais se fazem presentes, destacando que essas redes ocorrem somente no local, não alargando ao regional.

Observa-se, pela teoria apresentada, que a partir das transformações sociais no espaço e tempo a festa se adapta. Ela é dinâmica, se reinventa, “se transforma e se insere na modernidade, agregando novos símbolos e significados, se metamorfoseando” (MARQUES, 2011, p.41). Isto é, a festa é construção do sujeito e realização do humano, desenvolvendo nas comunidades locais uma forma de celebrar o viver, marcado pela alegria em diferentes níveis sociais.

3. FESTA DA LIBERDADE E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

De acordo com Barcelos e Lemes (2010, p.25), a Festa da Liberdade foi criada pelo Senhor ³Antônio Paulino de Araújo. O festejo tinha como objetivo dar oportunidades de expressão às pessoas à margem da sociedade, mostrando sua arte por meio de manifestações como: danças, músicas, piadas, causos, peças teatrais, poemas, entre outros. O seu mentor, por ser uma pessoa de origem negra e nordestina, se sentia desprezado e excluído da sociedade da época. Com pouco recurso e nenhuma escolaridade, realizou a primeira festa em frente sua casa, onde as pessoas recebiam premiações por suas apresentações, as quais participavam

² “E foi de uma forma simples, em meio à gente humilde, em pleno sertão de Goiás, que se originou a Romaria a Trindade. As pessoas foram se juntando, a princípio os vizinhos, depois vindos de longe, para rezarem diante da imagem do Divino Pai Eterno. O grupo dos primeiros devotos formaram a comunidade de Barro Preto – os moradores na Capela da Santíssima Trindade. Barro Preto cresceu, se tornou cidade: a cidade de Trindade” (LEMOS, 2007, p.28).

³ O Senhor Antônio Paulino de Araújo faleceu em 5 de outubro de 2007, deixando esse grande contributo imaterial para o município de Paranaiguara.

voluntariamente na organização da festa, preparando brindes, comidas, decidindo o que seria apresentado no dia, entre outros. De meados do século XX, até o ano de 1982,

[...] a festa era realizada apenas no dia 13 de Maio, onde as apresentações eram feitas em cima de um caminhão de forma simples e irreverente. A partir de 1983, a festa ganha proporções maiores, despertando interesses políticos. Naquela época já se percebia a potencialidade turística e econômica da festa, por isso passou a se realizar durante 10 dias consecutivos, durante a semana em que se comemora a abolição dos escravos. A abertura maior para a comercialização de produtos se deu em função disso, pois as pessoas começaram a montar barracas de bebidas, comidas, artesanatos, jogos, parque de diversão, vestuários etc. As apresentações passaram a ser comandadas pela secretaria da educação que ficou responsável por convidar as escolas locais e circunvizinhas para fazerem participações no palco BARCELOS; LEMES (2010, p. 25).

Houve então uma remodelagem na estrutura da festa para comportar as pessoas que vinham visitá-la, passando a se realizar na praça dos três poderes em frente à Prefeitura Municipal e, atualmente, (2010/2011) na praça da rodoviária. As mudanças ocorreram justamente por questões de infraestrutura, pois carecia de um local onde comportasse um maior contingente de pessoas.

Pode-se dizer que atualmente a festa movimentou o comércio local, bem como atraiu pessoas de outras localidades, que se instalam na cidade durante os 10 dias. Um grande número de entidades se apresenta no palco da festa, dentre elas escolas municipais e estaduais, igrejas, grupos teatrais, de dança, entre outros (BARCELOS; LEMES, 2010, p.26). Essa festa é patrimônio cultural imaterial do município e continua sendo realizado por meio de parceria entre a família do senhor Antônio Paulino e a Prefeitura Municipal de Paranaiguara.

4. O LUGAR DA FESTA DA LIBERDADE E PERFIL DOS VISITANTES

O lugar da Festa da Liberdade é o espaço urbano de Paranaiguara, festejo que vem ocorrendo atualmente na praça da rodoviária (Foto 03). Nesse contexto, Carlos (1996, p. 20) escreve que “o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça [...]” da rodoviária,

espacialidades propícias às realizações de festas urbanas, como na cidade de Paranaiguara no interior de Goiás. Esses lugares são resultados da arte, obra e entrega de cada habitante. Carlos (1996, p. 25) mostra que se pode buscar o “entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares, o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural”.

Atualmente, a festa se desenvolve em praça pública, porém com uma estrutura rústica de acolhimento. A maioria das barracas (nos anos de 2010/2011, um pouco mais de 20 barracas) são de pessoas de outras cidades que se instalam durante a festa e comercializam diversos produtos. São brinquedos, roupas, sapatos, artesanatos (Foto 04), comidas e bebidas. Hoje a praça de alimentação está localizada à parte das demais barracas, oferecendo aos visitantes inúmeras opções (pastéis, cachorro-quente, sanduíches, espetinhos, chica doida, salgadinhos, sorvetes, sucos, refrigerantes e cervejas).



Foto 03: Estrutura comercial da Festa da Liberdade na Praça da Rodoviária. Os estabelecimentos ocupam os canteiros e aproveitam as sombras proporcionadas pelas copas das árvores.

Fonte: Santos, 2010.



Foto 04. Artesanato do Grupo da Terceira Idade Conviver e Escola Técnica Municipal, comercializado durante a Festa da Liberdade. O artesanato comercializado são rendas, bordados e pinturas em quadros e panos. Não existe o comércio do artesanato de Bambu, Cabaça e Barro das Olarias regionais, produtos encontrados na Casa dos Artesãos na cidade vizinha de São Simão.

Fonte: Santos, 2010.

Os que se dedicam ao comércio de outros tipos de produtos geralmente se instalam ao redor e dentro de toda a quadra coberta da rodoviária. O comércio nesta época movimentava a economia local. As barracas são feitas de lonas, algumas são pequenos *trailers*, muitos objetos também são expostos pelo chão, apenas em cima de alguns forros, ou prateleiras de madeira, as barracas de jogos ficam espalhadas pelas calçadas e pelas ruas que cercam o local da festa, as quais ficam interditadas durante a festa.

São muitos os vendedores ambulantes que ficam andando entre as pessoas, oferecendo diversos produtos. Os jogos mais comuns são: pescarias e tiro ao alvo, barracas de jogos de azar. O parque de diversão é um dos mais procurados pelas pessoas, os brinquedos que mais chamam atenção são: roda gigante, carros de bate-bate e carrossel.

Durante os trabalhos de campo, no ano de 2010, foram aplicados questionários para conhecer o perfil dos visitantes da Festa da Liberdade. Pôde-se observar, na primeira questão levantada (gráfico 01), que em sua maioria 50% dos frequentadores da festa são da cidade de Paranaiguara, 20% vêm de São Simão, 16%, de Quirinópolis, 4%, de Rio Verde e 10% vêm de outras cidades próximas, ou seja, os visitantes são regionais.



Gráfico 01: Local de origem das pessoas presentes na Festa da Liberdade.
Fonte: Trabalho de Campo, 2010.

Porém, não existe por parte do poder público local um grande investimento em propaganda e, para isso, faz-se necessário também investir na estrutura hoteleira municipal e outros setores de receptividade. Tornando-se conveniente no atual momento apenas a divulgação regional.

O gráfico 2 nos mostra os principais atrativos turísticos da Festa da Liberdade, considerados pelos visitantes da cidade e de outros municípios. Segundo os entrevistados, os atrativos mais destacados foram as apresentações artísticas para 42%, os bingos para 27%, para 5% os jogos, 3% as palestras e a alimentação comercializada foi citada por 23%, destacando o comércio de pratos com a Chica Doida⁴ e Pamonhas, culinárias a base de milho, produto que hoje é pouco cultivado na região. Essa cultura é desenvolvida apenas em pequenas propriedades nos fundos de vale, pois nos municípios da microrregião quirinopolina destaca-se atualmente o cultivo de cana-de-açúcar e a criação de gado, o que levou ao desaparecimento de parte dos pratos tradicionais, mas não exclui aqueles que foram adaptando.

⁴ A Chica Doida foi criada na Fazenda Cachoeirinha do Rio Preto, na metade do século XX, no município de Quirinópolis. De acordo com Santos e Souza (2009, p.69), ocorreu um fato interessante, conta a história que em uma reunião para fazer pamonha “acabaram as palhas para colocar a massa”, e como ainda havia muita massa, Dona Petronilha Ferreira Cabral e o marido João Batista da Rocha resolveram inventar, juntaram à massa já temperada os seguintes alimentos: queijo, linguiça, jiló, cebola e outros condimentos, levando em seguida ao forno.



Gráfico 02: Atrativos oferecidos ao turista na Festa da Liberdade.

Fonte: Trabalho de Campo, 2010.

De acordo com Santos e Souza (2009, p. 68), a Chica Doida:

[...] é uma culinária produzida a base de milho e complementada com linguiça de porco, queijo, jiló, banha de porco, cebola, alho, pimenta malagueta, açúcar, água e sal. Este hábito alimentar, sabor, aroma e textura que caracteriza a alimentação nos cerrados goianos, é capturada e transformada em produto turístico ou torna mais uma opção atrativa (SANTOS; SOUZA, 2009, p.68).

Neste contexto, pode-se considerar a culinária Chica Doida como mais um atrativo da Festa da Liberdade em Paranaiguara. O gráfico 3 refere-se aos principais locais de hospedagem dos turistas, onde 50% residem na própria cidade, 26 % retornam para sua cidade, 20% ficam em casas de parentes e apenas 4% hospedam-se em hotéis.

Não se observa na cidade de Paranaiguara uma nova organização do setor hoteleiro em torno da Festa da Liberdade, como ocorre em outras cidades (Pirenópolis, Goiás, Trindade e Muquém) com importantes festas religiosas e culturais do Estado de Goiás. Em outras urbanidades do estado, os gestores hoteleiros buscam ampliar sua ocupação com a receptividade

de turistas que chegam para esses momentos de relação social com o lugar, de lazer e entretenimento.



Gráfico 03: Local de hospedagem do turista na Festa da Liberdade.

Fonte: Trabalho de Campo, 2010.

No gráfico 4 têm-se informações quanto à estrutura física da Festa da Liberdade, onde segundo 34% dos entrevistados a estrutura encontrada é boa, 26% diz que precisa melhorar, pois faltam banheiros, posto de informação ao turista e estacionamentos para carros, para 22% é regular e 18% consideram a estrutura ótima. Durante o levantamento de campo, foi possível conhecer as principais profissões dos visitantes do festejo, destacando entre os mesmos: estudantes, vendedores, enfermeiros e auxiliar de serviços gerais.



Gráfico 04: Infraestrutura oferecida ao turista na festa da Liberdade.

Fonte: Trabalho de Campo, 2010.

A maioria dos visitantes entrevistados já participou da Festa da Liberdade mais de cinco vezes, visto que a maioria é oriunda das cidades e municípios próximos como São Simão e Quirinópolis. Esses souberam do acontecimento por parentes ou amigos e muitos disseram não conhecer nenhuma divulgação realizada pela Prefeitura Municipal. Para 96% desses entrevistados, a festa realizada anualmente na cidade de Paranaiguara pode ser considerada um atrativo turístico.

Concorda-se com eles, pois essa festa é responsável pelo deslocamento de pessoas até o município. Contudo, a prefeitura e os gestores ligados aos setores de receptividades (hotéis, bares e restaurantes) não conseguiram visualizar e nem desenvolver algum trabalho para diagnosticar as oportunidades presentes nos dias de realização da Festa da Liberdade. Outra informação importante, segundo os visitantes, além da Festa da Liberdade, outras festas culturais da região, como o carnaval e o festival gastronômico de São Simão, são frequentadas por eles. O público que se interessa pela festa da Liberdade não escolhe apenas Paranaiguara como destino de lazer, busca também outras localidades próximas.

Na opinião dos visitantes, falta o interesse da Prefeitura Municipal e dos empresários da cidade para desenvolver o turismo na cidade de Paranaiguara. Mostrando que apesar da realidade

de atração e sedução encontrada na área urbana do objeto de pesquisa deste trabalho, pode-se afirmar que ainda são restritas as discussões no âmbito municipal e empresarial local sobre a Festa da Liberdade como potencial turístico municipal. Mas é uma marca municipal que bem planejada pelas políticas públicas locais, em parceria com os diversos setores privados e sociais, poderá produzir um sentido de destino de visitação, capturando outros patrimônios culturais dessa municipalidade da microrregião quirinopolina, garantindo, sobretudo, uma maior mobilização dos grupos sociais persuadidos em desenvolver ações em torno da atividade turística local. Esta pesquisa mostrou que mesmo de forma tímida, os visitantes chegam ao município atraído pelo festejo que é uma particularidade dessa cidade interiorana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos assistido a crescente afirmação da acumulação capitalista, em que a lógica mercadológica invade não somente as relações de trabalho e de produção, mas também as diversas manifestações de vida dos homens. Nessa vertente de mutação, a atividade turística vai apropriando e incorporando os festejos nos seus projetos e novas políticas para o setor, aspecto de desenvolvimento voltado para o setor turístico ainda não percebido na Festa da Liberdade de Paranaiguara.

Apesar de essa festa ter uma tradição e receber um contingente de visitante cada vez maior, ainda não foi criada uma secretaria voltada para desenvolver o turismo na cidade, medida importante para valorizar e viabilizar a intensificação da prática turística que vem ocorrendo na cidade durante a realização do festejo. Seria interessante uma maior divulgação, bem como investimentos maciços na estrutura física, posto que hoje ela possa ser considerada um grande atrativo da cidade.

Com o passar dos anos, a Festa da Liberdade sofreu muitas influências, ganhou novas apropriações e significações a partir do momento em que passou a ser realizada pela prefeitura, deixando de ser um acontecimento elaborado exclusivamente pelas pessoas da cidade. Apesar de tantas mudanças, as pessoas não deixam de participar do festejo local, mesmo alegando que não é mais como antes, percebendo, assim, nas suas palavras um sentimento de nostalgia.

6. REFERÊNCIAS

- BARCELOS, A. P. M.; LEMES, K. K. P. **Potencialidades Turísticas da Festa da Liberdade na Cidade de Paranaiguara no Interior de Goiás**. 2010. Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Quirinópolis, 2010.
- BERGER, P. L. **Rumor de Anjos: A Sociedade Moderna e a redescoberta do Sobrenatural**. 2. ed. Tradução de Waldemir Boff e Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BEZERRA, A. C. A. Cidade, Festa e Identidade em Tempo de Espetáculo. In: BEZERRA, A. C. A. *et al.* (Org.). **Itinerários Geográficos**. Niterói: EdUFF, 2007.
- BOURDIN, A. **A Questão Local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CARLOS, A. F. A. **O Lugar No/Do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC, 1999.
- DELLA MONICA, L. **Turismo e Folclore: um binômio a ser cultuado**. São Paulo: Global, 1999.
- LEMOS, C. T. **Religiosidade Popular**. Goiânia: Deescubra, 2007.
- MARQUES, L. M. **A FESTA EM NÓS: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia – Uberlândia (MG)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.
- MOTA, R. D.; ALMEIDA, M. G. de. Cultura, festas, identidade e território: perspectivas das folias de reis em Goiânia como atrativo no turismo cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 11., 2010, Niterói.. **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. v. Único.
- PEREIRA, A. V. **BORDEIRA: espaço simbólico, expressões festivas e processos da construção das identidades**. Faro/Portugal: Tipografia União; Folha de Domingo Ltda, 2005.
- SANTOS, J. C.V.; SOUZA, F. R. de. Gastronomia Chica Doida – Contributo para o Programa de Regionalização do Turismo. In: SANTOS, J. C. V. (Org.). **Paisagens e Destinos Turísticos na Pesquisa Geográfica**. Uberlândia: Gráfica Composer, 2009. p.57-74.
- _____. **Políticas de Regionalização e Criação de Destinos Turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano**. 2010. Tese (Doutoramento em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

_____.; GARCIA, D. C.; SANTOS, R. J. Patrimônio Histórico e Arqueológico de Milreu no Circuito Turístico do Algarve - Portugal. **UEG em Revista – Revista Científica da UEG/Quirinópolis**, Goiânia, v.1, n.5, p. 167-189. 2009.

SANTOS, R. J. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, n. 11, jan./dez. 1999.

SANTOS, R. J. **As Humanidades do Cerrado na Dialética da Festa e do Espetáculo**. Uberlândia: EDUFU, 2007.